

Espectáculos, performances,  
miniconcertos, trabalhos em progresso

Sex 4, sáb 5, dom 6 de outubro

M16

---

# Aniversário

---

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***

### Das 19h às 20h15

#### Mais Pra Menos Que Pra Mais (trabalho em progresso)

de Vera Mantero & convidados

Instalação / *Performance* · Grande Auditório · Duração: 1h15

(o público pode sair antes do fim do horário)

### Das 19h às 19h45

#### Interpretação (trabalho em progresso)

de Jacinto Lucas Pires e Tiago Rodrigues (Mundo Perfeito)

Teatro · Pequeno Auditório · Duração: 45 min.

### Das 19h50 às 20h05 (só sábado e domingo)

**Miniconcerto I** · *Promenade* (2007) de Filipe Esteves, para clarinete

*The Panic Flirt* (1992) de Alexandre Delgado, para flauta solo

Música · Átrio de entrada · Duração: 13 min.

### Das 20h15 às 21h25

#### The Oh Fuck Moment O Momento Ai Merda

de Hannah Walker e Chris Thorpe

Teatro · Sala 6 · Duração: 1h10

### Das 20h30 às 22h30

**Purgatório** de Ana Borralho & João Galante

Instalação / *Performance* · Sala 1 · Duração: 2h

(o público pode entrar e sair, no limite da lotação da sala)

### Das 20h30 às 22h

**Le Sacre du Printemps (2013)** de Min Kyoung Lee e João dos Santos Martins

Dança · Garagem · Duração: 1h30

### Das 21h35 às 21h50 (só sábado e domingo)

**Miniconcerto II** · *Inseto Xilófago* (2007) e *Bicho-Pau* (2013, estreia absoluta)

de João Godinho, para marimba

Música · Átrio de entrada · Duração: 11 min.

### Das 22h30 às 22h50

**Miniconcerto III** · *Seekers of the Truth (Gl Gurdijef)* (2013, estreia absoluta) de José Júlio

Lopes, para violoncelo e clarinete baixo · *Sobre um quadro de Júlio Pomar: "Fernando Pessoa*

*encontra D. Sebastião num caixão sobre um burro ajaezado à andaluza"* (2013, estreia absoluta,

encomenda da Culturgest) de Andreia Pinto-Correia, para flauta e violoncelo

Música · Sala 2 · Duração: 18 min.

### Das 23h às 00h10

#### The Oh Fuck Moment O Momento Ai Merda

de Hannah Walker e Chris Thorpe

Teatro · Sala 6 · Duração: 1h10

### Das 23h00 às 00h

#### Away Uniform Equipamento Alternativo

de Tina Satter (Half Straddle)

Teatro · Palco do Grande Auditório · Duração 1h

### A partir das 22h

#### Música escolhida por artistas e organizadores

Na Cafeteria da Culturgest

Este é o primeiro de dois fins de semana em que, de forma mais explícita, comemoramos os vinte anos da Culturgest. A programação de 2013 já o vinha fazendo, discretamente, com o regresso de artistas que conhecemos bem mas também com a aposta noutros que nunca cá tinham vindo, num olhar repartido entre o retrovisor e a estrada em frente. É um dos equilíbrios que procuramos ter em conta, e nisso este ano só é diferente por ser mais deliberada a reflexão sobre uma história (feita de ruturas e continuidades) e um futuro (idem).

Estes três dias funcionam como miniatura da nossa programação de espetáculos. Ou então uma espécie de concentrado de potência desconhecida. E tal como na programação de um ano (ou de vinte!) não dá para ver e abarcar tudo, aqui também é preciso construir um percurso: sinuoso e parcial, de confirmações e descobertas; onde falhar (tanto para os artistas como para o público) tem de ser uma possibilidade.

Haverá palavras fortes e ambíguas, corpos ágeis e cansados, sons límpidos e irónicos. Dança, teatro, música e

instalação/*performance* são nomes possíveis para a diversidade de experiências que vos propomos. Mas há outras formas de as repartir: espetáculos portugueses e estrangeiros; obras prontas ou em processo; só para visitar ou para ver do princípio ao fim; para grupos pequenos ou para uma bancada cheia de gente; durando um par de horas ou breves minutos; no palco, na garagem ou num escritório; para ver em silêncio ou para pôr as mãos na massa (metafórica ou não).

Não há bolo de anos (embora talvez haja amendoins), nem os espetáculos serão necessariamente festivos. Fala-se de fazer merda e dançar até à morte, de caruncho e capitalismo, artistas e políticos, hóquei e Europa. Numa coreografia improvisada e imprevisível vamos circular por este labirinto de alcatifas vermelhas, comer qualquer coisa à pressa, falar com desconhecidos sobre o que já vimos, prometer voltar no dia, ou no mês, ou no ano seguinte. E se calhar só no fim de tudo, na cafetaria, é que nos vamos encontrar (todos?), para ouvir música e beber um copo. Sem brindes nem discursos, apenas porque teremos (ainda) sede.



**1 Mais Pra Menos Que Pra Mais**

de Vera Mantero & convidados  
Grande Auditório

**2 Interpretação**

de Jacinto Lucas Pires e  
Tiago Rodrigues (Mundo Perfeito)  
Pequeno Auditório

**3 Miniconcerto I**

Obras de Filipe Esteves e Alexandre Delgado  
Átrio de entrada

**4 The Oh Fuck Moment**

de Hannah Walker e Chris Thorpe  
Sala 6

**5 Purgatório**

de Ana Borralho & João Galante  
Sala 1

**6 Le Sacre du Printemps (2013)**

de Min Kyoung Lee e João dos Santos Martins  
Garagem · Ponto de encontro:  
Junto à bilheteira

**7 Miniconcerto II**

Obras de João Godinho  
Átrio de entrada

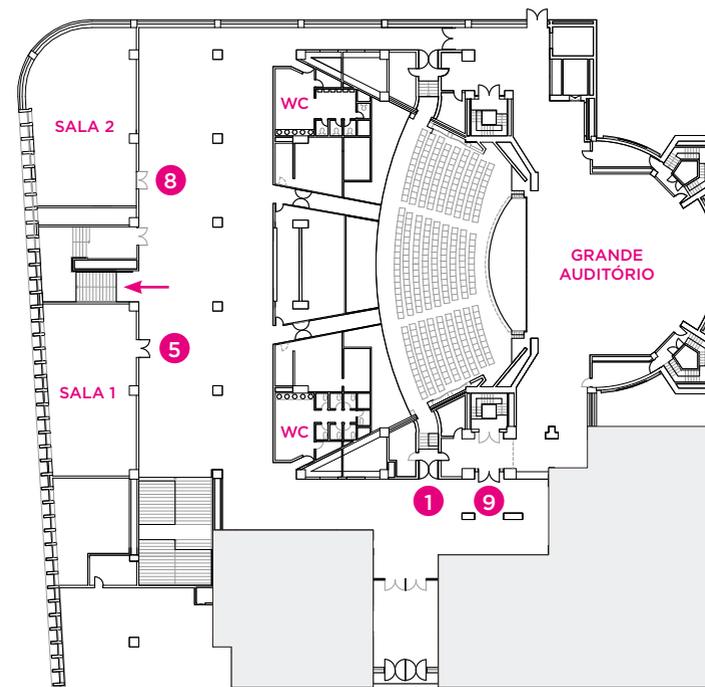
**8 Miniconcerto III**

Obras de José Júlio Lopes  
e Andreia Pinto-Correia  
Sala 2

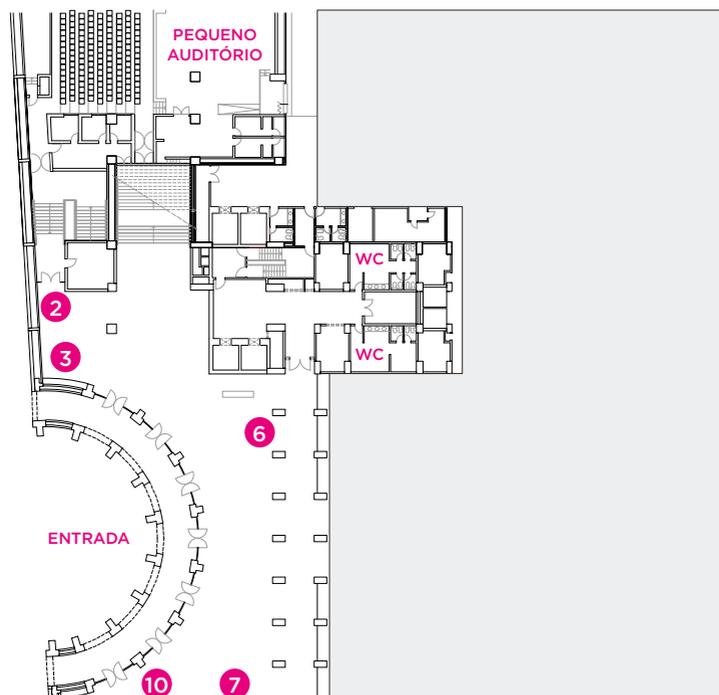
**9 Away Uniform**

de Tina Satter (Half Straddle)  
Palco do Grande Auditório

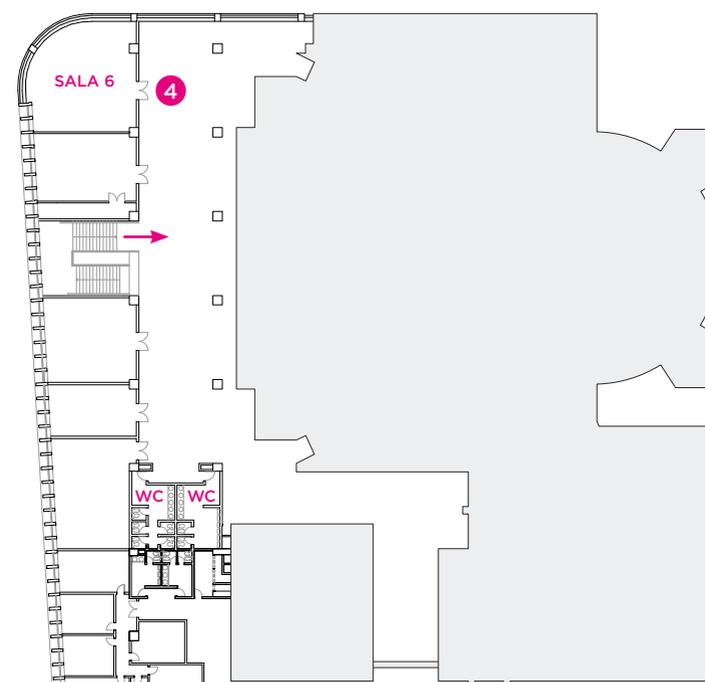
**10 Música na Cafeteria**



Piso -1



Piso -2



Piso 1

---

# Mais Pra Menos Que Pra Mais

---

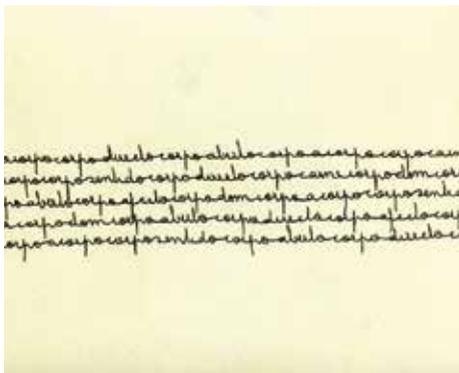
**(trabalho em progresso)**  
**de vera mantero & convidados**

---

**Instalação/Performance · Duração: 1h15**

**Direção artística e curadoria** Vera Mantero  
**Codireção** Elizabete Francisca & Urândia Aragão  
**Artistas/projetos convidados** Oficina de adobe: Rui Santos & Ana Pato; Assistência à lavagem de pés: Inês Evangelista & Cátia Mateus; Sas – orquestra de rádios: Simão Costa, Sónia Moreira & Ana Trincão; Dispositivos sonoros: Tiago Fróis; Piano: Ulf Ding; Sitar: filipe dias De; Mesas de escrita: Carlos Campos; Leituras: Elizabete Francisca  
**Criação gestual** Elizabete Francisca, Urândia Aragão & Vera Mantero  
**Atores/bailarinos/performers** Alfredo Martins, Ana Monteiro, Andresa Soares, António Pedro Lopes, David Leitão, Elizabete Francisca, Joana Duque, Gonçalo Alegria, Lígia Soares, Luís Guerra, Manuel Henriques, Marco A. Lima, Maria Gil, Matthieu Ehrbacher, Miguel Pereira, Nelson Guerreiro, Sara Graça, Tiago Vieira, Urândia Aragão, Vera Mantero & Victor Gonçalves  
**Desenho de luz** Nuno Meira  
**Sonoplastia** Rui Dâmaso  
**Produção** O Rumo do Fumo  
**Apoio** Bombeiros Voluntários

© Elizabete Francisca & Urândia Aragão



do Dafundo, Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Bombeiros Voluntários de Montemor-o-Novo, O Telheiro das Oficinas do Convento/Montemor-o-Novo & Vera Schmidtberger · O Rumo do Fumo é uma estrutura apoiada pelo Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes.

o teatro enquanto templo? templo do sentir e do pensar? por isso nos descalçamos para lá entrar.

dentro dele podemos atravessar a terra, atravessar as palavras, atravessar os sons, atravessar os gestos, atravessar as máscaras e os sentidos.

ter um corpo que se abre a esses elementos, que deles retira alimento e energia.

um corpo sensível ao Menos (e ao menos sensível).

corpo que desacumula, que desarma, que espalha, que pulveriza.

corpo sem vergonha de ser bicho.

uma talvez reza a levar do templo, para todos os dias ao levantar: o mundo não é uma mercadoria, o corpo não é uma mercadoria, o tempo não é uma mercadoria, o som não é uma mercadoria, a pele não é uma mercadoria, a luz não é uma mercadoria, o entusiasmo não é uma mercadoria, o entendimento não é uma mercadoria, o movimento não é uma mercadoria, a sujidade não é uma mercadoria, a ternura não é uma mercadoria, a energia não é uma mercadoria, o desmaio não é uma mercadoria, o olhar não é uma mercadoria, o toque não é uma mercadoria, o ar não é uma mercadoria, o abraço não é uma mercadoria, o espaço não é uma mercadoria, o sono não é uma mercadoria, o tesão não é uma mercadoria, a cor não é uma mercadoria, o dinheiro também não é uma mercadoria. todos os dias acrescentar um ponto à lista.

os convidados de Vera Mantero, que trazem para este evento os seus trabalhos musicais, sonoros, vocais, improvisatórios, de escrita e de eco-construção, são alguns membros do CICS – Centro de Investigação Cultural e Sustentabilidade, e alguns artistas habitantes

de Montemor-o-Novo que participaram no Baldio, e alguns actores, performers e músicos lisboetas. A todos um profundo agradecimento.

**vera mantero & convidados:**  
Vera Mantero e Miguel Pereira  
[www.orumodofumo.com](http://www.orumodofumo.com)  
Luís Guerra  
[www.guerraluiz.wordpress.com](http://www.guerraluiz.wordpress.com)  
filipe dias De  
[filipediasde.blogspot.pt](http://filipediasde.blogspot.pt)  
Simão Costa  
[www.maosimmao.com](http://www.maosimmao.com)  
Andresa & Lígia Soares  
[www.maquinaaagradavel.com](http://www.maquinaaagradavel.com)  
Nuno Meira  
[nunomeira.carbonmade.com](http://nunomeira.carbonmade.com)  
Manuel Henriques  
[manuelhenriques.wordpress.com](http://manuelhenriques.wordpress.com)  
Maria Gil  
[www.teatrosilencio.blogspot.com](http://www.teatrosilencio.blogspot.com)  
Tiago Fróis  
[tiagofrois.blogspot.pt](http://tiagofrois.blogspot.pt)  
[www.youtube.com/user/osomdascoisas/videos](http://www.youtube.com/user/osomdascoisas/videos)  
Matthieu Ehrbacher  
[vimeo.com/matthiuehrbacher](http://vimeo.com/matthiuehrbacher)  
Ana Monteiro  
[www.nowfutures.org](http://www.nowfutures.org)  
Alfredo Martins  
[www.teatromeiavolta.com](http://www.teatromeiavolta.com)  
Baldio  
[baldiohabitado.wordpress.com](http://baldiohabitado.wordpress.com)

---

## Interpretação

---

**(trabalho em progresso)**  
**de Jacinto Lucas Pires  
e Tiago Rodrigues (Mundo Perfeito)**

---

**Teatro · Duração: 45'**

**Texto** Jacinto Lucas Pires  
**Encenação e interpretação** Jacinto Lucas Pires e Tiago Rodrigues  
**Cenário, adereços e figurinos** Magda Bizarro e Tiago Rodrigues  
**Apoio técnico** André Calado  
**Direção de produção e**



© Magda Bizarro

**fotografia de cena** Magda Bizarro  
**Assistência de produção** Rita Mendes  
**Produção** Mundo Perfeito  
**Coprodução** Culturgest

O que era bom estar na folha de sala deste trabalho em progresso era a conversa louca que tivemos ao telefone sobre o que era bom estar na folha de sala.

O que era bom estar na folha de sala era uma frase (movimento de luz correndo por dentro de uma sequência de palavras negras contra um fundo branco) capaz de contar como é que um encontro (uma discussão, gargalhadas, tanta pergunta) se torna uma ideia de teatro.

O que era bom estar na folha de sala era um ponto de interrogação como aqueles que o O'Neill fazia e que não eram só pontos de interrogação, eram orelhas, e eram poemas.

O que era bom estar na folha de sala era uma seleção de notícias do dia, porque o teatro é o novo jornalismo.

O que era bom estar na folha de sala era o texto completo, para o público poder ajudar os intérpretes quando eles precisarem.

O que era bom estar na folha de sala era uma tradução deste esboço de espetáculo para cada pessoa concreta. Mas, para isso, tínhamos de aprender a língua de cada pessoa concreta que aqui vem.

O que era bom estar na folha de sala era uma história da Europa. Para este trabalho em progresso que um dia vai ser um espetáculo ter, digamos, um contexto.

O que era bom estar na folha de sala era um manual de instruções para fazer aviões de papel. Assim, a dado momento, podíamos ter

uma data de aviões brancos a voar na sala. Com a luz, o silêncio e o tempo certos, isso podia ser muito bonito.

O que era bom estar na folha de sala era um buraco (depois vão perceber).

O que era bom estar na folha de sala era uma coisa de carne e osso.

O que era bom estar na folha de sala era um par de óculos de duas dimensões, porque aqui e ali queremos brincar com o cinema.

O que era bom estar na folha de sala era uma proposta credível de revolução.

O que era bom estar na folha de sala era um conto realista sobre dias melhores.

O que era bom estar na folha de sala era um saquinho de sementes porque assim é que podíamos mesmo dizer que as pessoas tinham saído daqui com alguma coisa.

O que era bom estar na folha de sala era uma frase muito nossa, difícil, escrita numa tinta mágica que só desse para ler no escuro e que, passado pouco tempo, desaparecesse.

**Jacinto Lucas Pires** nasceu no Porto em 1974. Como dramaturgo, tem escrito para diversas companhias e encenadores, destacando-se como um dos mais importantes autores de teatro portugueses da atualidade. É também autor de vários romances premiados, livros de contos e obras de não-ficção. Em cinema, escreveu e realizou duas curtas-metragens. É membro da banda Os Quais. Na Culturgest: *Octávio no Mundo* (PANOS 2006) e *Sagrada Família* (2010).

**Tiago Rodrigues** nasceu na Amadora em 1977. É ator, encenador e dramaturgo. Dirige a estrutura Mundo Perfeito, que em 2013 celebra dez anos de atividade, durante os quais criou mais de trinta espetáculos apresentados em mais de quinze países. Colabora regularmente com a companhia belga tg STAN, assim como com diversos artistas de teatro, dança e *performance*. Ator e argumentista em cinema e televisão, a sua atividade estende-se também ao ensino. Na Culturgest: *Duas Metades* (2007), *Coro dos Maus Alunos* (PANOS 2009) e *Tristeza e Alegria na Vida das Girafas* (2011).

[www.mundoperfeito.pt](http://www.mundoperfeito.pt)

---

## Miniconcerto I

---

**Solistas da OrchestrUtopica**

---

**Promenade (2007)**  
**de Filipe Esteves, para clarinete**

---

Clarinete: Luís Gomes · Duração: 7'

---

Escrita originalmente para clarinete e eletrónica, *Promenade* é, neste concerto, apresentada num formato puramente acústico, tendo, por isso, sofrido algumas alterações que a transformaram, naturalmente, numa nova versão.

*Promenade* foi estreada em 2008 pelo clarinetista Ruben Jacinto, no concerto Novos Ciclos por Segundo, promovido pela Miso Music Portugal. Filipe Esteves



**Filipe Esteves** (n. 1978) Licenciou-se em composição na ESML. Paralelamente ao curso de composição da ESML, frequentou *workshops* de música eletrónica e composição sob orientação de reputados especialistas nacionais e estrangeiros. Entre os *ensembles* que têm executado a sua música destacam-se: Lisbon Drummatic, Machina Mundi, OrchestrUtopica, Orquestra de Altifalantes da Miso Music Portugal e Orquestra de Altifalantes do IMEB (Institut International de Musique Electroacoustique de Bourges).

**Luís Gomes** (clarinete, clarinete baixo) Iniciou os seus estudos no Conservatório Nacional, sendo diplomado pela Escola Superior de Música de Lisboa, pelo Conservatório Superior de Roterdão (UM),



e Mestre em Psicologia e Pedagogia da Música na FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Enquanto estudante, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalhou com vários grandes clarinetistas estrangeiros e obteve vários prémios de interpretação. Foi solista das seguintes orquestras: Orquestra Mundial das Juventudes Musicais, Orquestra de Jovens do Mediterrâneo, Nova Filarmonia Portuguesa, Sinfónica Juvenil, Orquestra Portuguesa da Juventude, OrchestrUtopica, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a Banda Sinfónica da PSP e colabora com as mais prestigiadas orquestras nacionais como a Gulbenkian, a Sinfónica Portuguesa ou a Metropolitana de Lisboa, para além de participar em grupos de câmara. É professor de clarinete da Escola de Música do Conservatório Nacional e da Universidade de Évora. Luís Gomes é artista Selmer Paris (clarinetes) e Rico International (palhetas).

**The Panic Flirt (1992)**  
**de Alexandre Delgado, para flauta solo**

---

Flauta: Katharine Rawdon · Duração: 6'

---

Senti-me bastante perplexo ao saber da existência de um celebrado compositor contemporâneo que preconiza o pânico como meio ideal de dar cor à música, autor cujas páginas são por isso negras de notas que ninguém consegue tocar na íntegra.

Música submergida pelo medo e pela angústia através da impossibilidade técnica de ser lida e executada: eis sem dúvida uma curiosa percepção do fenómeno criativo. Inspirou-me – por reação – ao escrever esta peça para flauta solo.

*The Panic Flirt* é uma alusão à célebre flauta do famoso deus grego (diga-se de passagem

que a palavra “pânico” deriva de Pã). Suponho que tanto o *flirt* como o pânico podem ser de alguma forma detetados na contenda entre os dois personagens musicais da peça. O resultado tende a ser mais humorístico do que angustiado; a música contemporânea não tem que ser sinistra nem neurótica (ou tem?).

Esta obra foi encomendada pelo *Presteigne International Festival of Music & the Arts* (País de Gales), no âmbito do qual foi estreada a 31 de agosto de 1992, por Ashildur Haraldsdottir, na St. Andrews Church de Presteigne.  
Alexandre Delgado



**Alexandre Delgado** (n. 1965) é compositor e violetista. Estudou na Fundação Musical dos Amigos das Crianças e foi aluno em composição de Joly Braga Santos e de Jacques Charpentier, tendo-se diplomado com o 1.º Prémio de Composição do Conservatório de Nice. Entre uma abundante produção instrumental e vocal, é autor das óperas *O Doido e a Morte* e *A Rainha Louca*. Estreou o seu *Concerto para violeta e orquestra* como solista em Portugal, Espanha e Holanda. Das suas obras mais recentes destacam-se a lenda *Santo Asinha* para barítono e orquestra e o ciclo *Cinco Sonetos Quinhentistas*. Aluno em violeta de Barbara Friedhoff, foi vencedor do Prémio Jovens Músicos em 1987 e membro da Orquestra Juvenil da União Europeia e da Orquestra Gulbenkian. Diretor do Festival de Música de Alcobça desde 2002, é membro do Quarteto com Piano de Moscovo desde 2005 e *freelancer* como instrumentista, conferencista e comentador de concertos.

**Katharine Rawdon** (flauta) Celebrou recentemente 20 anos como Chefe de Naípe de Flauta da Orquestra Sinfónica



Portuguesa do Teatro Nacional de S. Carlos. É flautista da OrchestrUtopica desde 2003, e fundadora do duo Machina Mundi desde 1994. Tem tocado como solista à frente das orquestras da Gulbenkian, a OSP, a Orquestra do Porto, a Orquestra Nova Filarmonia e a National Orchestra of New York. Solista por todo o Portugal, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha e Itália. Nos EUA foi solista por convite em duas convenções da National Flute Association, Primeira Flauta da National Orchestra of New York, atuando no Carnegie Hall, e também da Tanglewood Festival Orchestra, onde tocou sob a direção de Leonard Bernstein e Kurt Masur. Com o Manhattan Wind Quintet, apresentou se por duas vezes no Carnegie Recital Hall.

Além da flauta de concerto, tem interpretado e estreado inúmeras obras no flautim, flauta alto e baixo a solo e com diversas formações. É diplomada do Pomona College (Phi Beta Kappa) e da Manhattan School of Music. Nos EUA recebeu várias distinções. É Professora na ESART do Instituto Politécnico do Castelo Branco desde 2009.

## The Oh Fuck Moment

O Momento Ai Merda  
de Hannah Walker e Chris Thorpe

Teatro · Duração: 1h10

Autoria e interpretação Hannah Walker e Chris Thorpe  
Produção visual Luke Emery

Produção Emily Coleman, Ric Watts e Jennifer Gaskell  
Produtor executivo Matt Burman  
Financiamento Arts Council England, programa East to Edinburgh  
Apoio The Nightingale (Brighton) e The Junction (Cambridge)

Deviam provavelmente ver *The Oh Fuck Moment* se já tiverem pisado num ancinho. Ou preparado por engano as bebidas da festa com lixívia. Ou se se trancaram num barracão. Ou foram apanhados a trair.

Ou seguiram a vossa tendência para experimentar e acabaram nas urgências com uma lesão traumática por masturbação. Ou fizeram despenhar um avião. Ou se pegaram fogo a vocês próprios. Ou foram responsáveis pela morte de alguém. Ou viram alguém morrer. Ou caíram desajeitadamente. Ou caíram desajeitadamente em cima dum ancinho. Ou caíram desajeitadamente enquanto pilotavam um avião. Ou enquanto se masturbavam. Ou puseram a língua na boca da pessoa errada. Ou puseram a língua no que julgavam ser a boca da pessoa certa mas que se revelou ser a boca da pessoa errada.

Ou ficaram mesmo zangados porque alguém vos contou uma história sobre um cavalo.

Ou carregaram no botão que tinha ao lado um aviso a dizer:

NUNCA EM CASO ALGUM CARREGAR NESTE BOTÃO



© Martin Figura

Mesmo se esse era um botão metafórico, e a coisa que explodiu foi a vossa vida. Ou se carregaram no “reply all” e disseram a todos exatamente o que pensavam sobre eles. Ou se já foram responsáveis por uma central nuclear. Ou uma sala cheia de bebês. Ou um governo. Ou então venham se tiver sido completamente, inapelavelmente culpa vossa, e não vale a pena tentar explicar, ou pedir desculpa, ou nada daquilo que normalmente ajuda a fazer passar. Ou então a ser um pouco menos catastrófico.

Ou se não fizeram nada disto. Porque houve alguém que fez. De facto, NÓS fizemos. E gostávamos de vos falar sobre isto, porque um dia, provavelmente, também o vão fazer.

Ah, e venham se gostarem de poemas. E de conversar. Porque o espetáculo tem essas duas coisas. E fazer merda. Poemas, conversa e fazer merda.

Chris Thorpe é um dramaturgo e performer de Manchester. Faz parte da companhia Unlimited Theatre e é artista associado dos Third Angel. Escreveu três textos para a mala voadora. As suas peças já foram apresentadas em diversos países, nomeadamente Portugal, Japão, Estados Unidos e Alemanha. Tem desenvolvido também um trabalho a solo. Na Culturgest: *Presumption* (Third Angel, 2008) e *Overdrama* (mala voadora, 2011).

Hannah Jane Walker é uma poeta de Cambridge e Essex. Circulou intensamente tanto nacional como internacionalmente com espetáculos, leituras e orientando *workshops*. Interessa-lhe criar uma relação entre as pessoas e a poesia e usar a poesia para ter conversas. Acredita que a poesia é só outra maneira de falar, que a poesia é para todos e que é algo de que precisamos para avançar. Fez três espetáculos.

Juntos, Chris e Hannah fazem peças que são parte espetáculo, parte sessão de poesia e parte experiência interativa. Os seus espetáculos têm lugar em salas: às vezes essas salas são teatros, mas muitas vezes são escritórios, salas de reuniões, cafés – onde quer que as pessoas se possam juntar. O trabalho de Chris e Hannah baseia-se num encontro honesto entre eles, um

público e os momentos difíceis e animadores com que nos deparamos no processo de sermos pessoas.

*The Oh Fuck Moment* ganhou um Fringe First em Edimburgo em 2011. A sua colaboração mais recente, *I Wish I Was Lonely*, estreou este verão em Edimburgo no Forest Fringe.

[www.hannahjanewalker.co.uk](http://www.hannahjanewalker.co.uk)



© Helena Eckert

## Purgatório

de Ana Borralho & João Galante

Instalação/Performance · Duração: 2h

Conceito, som e direção artística Ana Borralho & João Galante  
Texto Rodrigo Garcia  
Luz Thomas Walgrave  
Apoio dramaturgico Fernando J. Ribeiro, Rui Catalão  
Performers Ana Borralho, Anta Recke, Antonia Buresi, Catarina Gonçalves, Cláudio da Silva, Elizabete Francisca, Helena Eckert, João Galante, Luís Godinho, Tiago Gandra e Daniel Melim, entre outros  
Tradução para português José Pelicano  
Tradução para inglês Vera Rocha  
Revisão da tradução Tiago Rodrigues  
Produção executiva Andrea Sozzi  
Direção de produção Mónica Samões  
Apoio comunicação José Pelicano  
Agradecimentos João Fiadeiro  
Apoio e residência artística Atelier Re.AL, Tel – Teatro Experimental de Lagos e Lac – Laboratório de

Actividades Criativas **Coprodução** casaBranca, Culturgest · A associação cultural casaBranca é subsidiada pelo Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes

Como tinha que escrever sobre “Encenação e Ordem Política”, comecei a procurar, ontem à noite, algo que os artistas que encenam pudessem ter em comum com os políticos.

Provocava-me um certo nojo procurar coincidências com este tipo de gente, mas continuei, e pensei muito, pensei para aí uns três minutos aproximadamente, uma eternidade determo-nos a pensar cento e oitenta segundos sem que toque o telemóvel, e finalmente conclui que uma coisa que os dois temos em comum é a mentira: mentir.

Rodrigo Garcia, *a este tipo no queremos volver a verlo*

Conferir transparência ao mundo está sempre dependente do grau de nudez que cada cidadão consegue atingir, no decurso de exames de consciência que vão desvelando a orgânica das relações sociais e políticas. A manutenção da consistência e opacidade dos corpos advém da entrega à sua condição animal e, por conseguinte, da noção de inseparabilidade de corpos que comungam das mesmas mentiras, da mesma cegueira, da mesma inocência.

Fernando J. Ribeiro

**Ana Borralho & João Galante** conheceram-se enquanto estudavam artes plásticas no Ar.Co, Lisboa. Desde 2002 trabalham em parceria nos campos da *performance art*, dança, instalação, fotografia, som e vídeo. Desde 2004 os seus trabalhos são apresentados em Festivais Internacionais em Portugal, França, Espanha, Suíça, Escócia, Brasil, Bélgica, Alemanha, Reino Unido, Áustria, Itália, República Checa, Eslováquia, Eslovénia, Finlândia, Emirados Árabes Unidos e Japão. São membros fundadores da banda de não-músicos Jymmie Durham, cofundadores da associação cultural casaBranca, programadores e diretores artísticos do festival de artes performativas Verão Azul (Lagos-Algarve) e co programadores do festival de música eletrónica Electrolegos (Lagos).

Vivem e trabalham entre Lisboa e Lagos (Portugal). Na Culturgest: *No Body Never Mind* (2006), *Sexy MF* (2007).



## Le Sacre du Printemps (2013)

de **Min Kyoung Lee**  
e **João dos Santos Martins**

**Dança · Duração: 1h30**

**Conceção e performance** João dos Santos Martins & Min Kyoung Lee **Participação especial** Bojana Bauer & Gustavo Ciriaco **Desenho de luz em colaboração com** Daniel Worm d'Assumpção & Ricardo Campos **Arte visual em colaboração com** Delal Isci **Residências** DeVIR/CAPA, O Espaço do Tempo **Apoios** Centre Chorégraphique National Montpellier Languedoc-Roussillon, Fundação Calouste Gulbenkian, TSB/Viver Santarém/Município de Santarém **Produção** João dos Santos Martins & Min Kyoung Lee **Apoio à produção** Cão Solteiro **Agradecimento especial aos autores que apoiaram o processo de citação dos seus trabalhos** Laurent Chétouane, Olga Roriz, Xavier Le Roy, Yvonne Rainer, Amanda Apetrea, Johan Thelander, Márten Spångberg **Agradecimento aos autores cujos trabalhos são citados** Laurent Chétouane, Olga Roriz, Xavier Le Roy, Yvonne Rainer, Halla Olafsdottir, Amanda Apetrea,

Johan Thelander, Sidney Leoni, Márten Spångberg, Pina Bausch, Martha Graham, Maurice Béjart, Min Tanaka, Millicent Hodson **Agradecimentos** Moriah Evans, Renata Piotrovská, Maria José Fazenda, Rita Natálio, Vivien Wood, Jeliča Šumič-Riha, Naima Pretov, Joowon Song, Leon Tan, Susan Manning, Ellen Van Schuylenburch, André e. Teodósio, John Tomlinson, Theodor Massine, Lorca Massine, Janet Wong, Antonia Lahmé, Dominique Brun, Frank van de Ven, Dinis Machado, Josep Caballeros, Vera Knolle, Raimund Hoghe, Paula Caspão, Liliana Coutinho, Joana Dilão, Alexandra Balona, Verónica Metello, António Pedro Lopes, Raewyn Whyte, Rin Ishihara, José Luís Neves, Paula Sá Nogueira

Estreada pela companhia Ballets Russes de Sergei Diaghilev no Théâtre des Champs-Élysées, Paris, no dia 29 de maio de 1913, *Le Sacre du Printemps* resulta de uma colaboração de três artistas que se tornaram representantes das grandes correntes da vanguarda do século XX: Igor Stravinsky (composição musical e libreto), Vaslav Nijinsky (coreografia) e Nikolai Roerich (cenários, guarda-roupa e libreto). Contrariamente à composição musical e ao projeto visual que sobrevivem até ao dia de hoje, a coreografia de Nijinsky foi completamente perdida. Sobrou apenas o que a memória coletiva arquivou.

Desde então, mais de trezentos coreógrafos se ocuparam de criar as suas próprias versões da *Sagração*, numa iniciativa praticamente inédita em dança, que a aproxima das práticas teatrais e musicais de gerar ilimitadas interpretações de uma única fonte. Tal é o facto que a história da dança do século XX e XXI quase que poderia ser feita aos olhos desta única obra.

Para comemorar o centenário da *Sagração* pretendemos pois questionar essa obra fantasma que dita um escolhido a dançar até à morte. Ironicamente, poderia o *Sacre* questionar o projeto modernista de fluxo contínuo de movimento ao condená-lo ao sacrifício e à morte? – *Já que o cansado apenas esgotou a realização, enquanto o exausto esgota todo o possível.* Se *A Sagração da Primavera* é a coreografia mais representada do último século, esta não apenas representa a dança da exaustão mas

é, ela própria, uma dança exausta. A partir do espetáculo do sacrifício, projetamos uma noite repleta de dança pela morte, a partir do corpo como médium de passagem histórica, obsessão, incorporação e devir, reciclando as coreografias do passado para manifestar o presente.

*Dance we do, and dance we must.* Entre a vida e a morte, este é um evento sem ensaio geral.

**Min Kyoung Lee** é uma coreógrafa e performer dividida entre a Nova Zelândia e a Europa. O seu trabalho está obcecado com estéticas relacionais e reflexão sobre subjetividade e os paradoxos do médium coreográfico. É uma montanhista apta que prefere pensar a andar. Sofre de um dilema político entre ativista radical e a tranquilidade mental da filosofia oriental. jdsrn

**João dos Santos Martins** é um colecionador de substâncias intelectuais, incluindo história da arte, entusiasta por vê-las penduradas nas grandes paredes de seu plano universo. João formou um grupo de danças MTV em Santarém, e foi depois conduzido a elevar a sua dança a uma questão de arte. João trabalha e explora incessantemente a sua própria força de trabalho em Portugal e na Europa, no quarto, nos autocarros e nos comboios. mkl

João e Min conheceram-se no mestrado de estudos coreográficos *ex.e.r.ce*, em Montpellier, França, em 2010. Colaboram desde então em vários projetos.

## Miniconcerto II

**Solistas da OrchestrUtopica**

**Inseto Xilófago (2007)**  
**Bicho-Pau (2013, estreia absoluta)**  
de **João Godinho, para marimba**

Marimba: João Carlos Pacheco  
Duração: 3'30 + 7'30

*Inseto Xilófago* (2007) especula sobre o mundo sonoro de um inseto xilófago. O inseto xilófago, cujo representante mais célebre é o caruncho, alimenta-se de madeira, papel ou qualquer outro material que contenha celulose. Calcula-se que uma comunidade média de insetos xilófagos possa digerir a partitura desta peça em menos de três minutos e uma marimba de cinco oitavas em apenas três semanas.

*Bicho-Pau* (2013) especula sobre o mundo sonoro de um bicho-pau. Este inseto assemelha-se na perfeição a um ramo de árvore, não só na forma e textura do corpo, mas também na capacidade de mimetizar os tons da vegetação onde repousa. É capaz de permanecer imóvel durante longos períodos. Quando se move, fá-lo devagar e de um modo quase imperceptível, balançando-se de forma a parecer um ramo agitado pelo vento.

O bicho-pau tem seis patas e este percussionista também. João Godinho

© Rita Delille



**João Godinho** (n. 1976) estudou piano e formação musical desde os 6 aos 20 anos de idade. Licenciado em Gestão de Empresas. Ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa, onde veio a concluir em 2006 a licenciatura em Composição. Desde cedo, como autodidata, e pontualmente como aluno no Hot Clube de Portugal, dedicou especial atenção à improvisação e ao jazz. Em Portugal já teve obras tocadas no Centro Cultural de Belém, na Culturgest, na Casa da Música e no Festival de Música do Estoril, entre outros. A sua música já foi também estreada em vários países da Europa, entre os quais a Bélgica, Espanha, Finlândia, Eslovénia e Sérvia.

**João Carlos Pacheco** (marimba)

Nasceu em 1988. Desde 2007 que tem trabalhado como intérprete, compositor e professor.



© Claudia Hansen

Iniciou os seus estudos musicais com João Cunha. Em 2003 enveredou pela percussão ingressando no curso da Escola Profissional de Música de Espinho. Em 2006 ingressou na ESMAE-IPP, terminando a licenciatura em 2010 com a classificação máxima no recital final. Estudou em Lisboa sob a orientação de Pedro Carneiro. Frequentou também inúmeras *masterclasses* com alguns dos maiores nomes da percussão internacional. Colaborou profissionalmente com a Orquestra Gulbenkian, Leipzig Oktett, Ensemble mpmp, Drumming GP, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Metropolitana de Lisboa e é percussionista da Orquestra de Câmara Portuguesa desde a sua fundação (2007). Em 2012 e 2013 foi admitido na Academia do Festival de Lucerna onde, sob a direção artística de Pierre Boulez, trabalhou com Peter Eötvös, David Robertson, Pablo Heras-Casado, Clement Power, Phillipe Manoury, Sofia Gubaidulina e com os membros do Ensemble Intercontemporain, Samuel Favre, Hideki Nagano e Victor Hanna. A participação nesta academia levou a que fosse convidado pelo IRCAM (Paris) para participar no festival Manifeste2013. Tem-se dedicado ainda à composição. Atualmente frequenta o mestrado em música contemporânea na Hochschule für Musik Basel.

## Miniconcerto III

**Solistas da OrchestrUtopica**

*Seekers of the truth (a partir da música de G.I. Gurdjieff)* (2013, estreia absoluta)

**de José Júlio Lopes, para violoncelo e clarinete baixo. Para MLA.**

Violoncelo: Catherine Strynckx

Clarinete baixo: Luís Gomes

Duração: 8'

Inicialmente pensada como uma transcrição de *Seekers of the truth* (piano) do compositor e místico arménio G.I. Gurdjieff, acabou por se transformar num processo de recomposição a partir do universo harmónico característico deste compositor. José Júlio Lopes



**José Júlio Lopes** (1957) é compositor, investigador e professor. Para além de um conjunto de obras para diferentes agrupamentos (voz e piano, ensemble de câmara, orquestra, eletroacústica, etc.), interessou-se também pela ópera e projetos de teatro musical e de interação com outras artes (*Averroes*, *Nefertiti* e *W*). Recentemente apresentou *X Ato* (orquestra), *Utos* (ensemble alargado) e *Dark Times Quintet*.



**Catherine Strynckx** (violoncelo)

Nascida em França, efetuou os seus estudos em Paris, Praga e Basileia e na Y. Menuhin Academy.

Obteve os 1.ºs Prémios nos Concursos Internacionais de Caltanissetta e Trapani e é

laureada do Concurso Internacional Vittorio Gui de Florença. Foi violoncelo solo na Camarata Lysy e na Orchestre des Pays de Savoie e também foi membro da Orquestra Nacional do Porto. É fundadora do Serenade String Trio, com o qual gravou dois discos, e do grupo de música contemporânea Sirius. Tocou a solo e em grupos de câmara em muitos países de diversos continentes. Gravou para a rádio francesa, checa, eslovaca, suíça e para a Antena 2. Participou também na gravação de dois discos de música de câmara. Com o violoncelo barroco trabalhou sobre a direção de R. Goebel, T. Koopmann, C. Coin e Fabio Biondi. Colabora regularmente com a OrchestrUtopica, é membro do Quarteto Lopes-Graça e do grupo Orangotango, que recebeu o Prémio Especial do Concurso Internacional Terem Crossover 2012 em São Petersburgo, do Trio Babel e do Trio "a piacere". Leciona na Escola Superior de Castelo Branco e na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa.

**Luís Gomes** (clarinete, clarinete baixo)

Ver página 8.

**Sobre um quadro de Júlio Pomar: "Fernando Pessoa encontra D. Sebastião num caixão sobre um burro ajaezado à andaluza"** (2013, estreia absoluta, encomenda da Culturgest) **de Andreia Pinto-Correia, para flauta e violoncelo**

Flauta: Katharine Rawdon

Violoncelo: Catherine Strynckx

Duração: 10'

Desde a minha infância que admiro os quadros do pintor Júlio Pomar. Sendo compositora e gostando de desafios quis registar as minhas impressões sobre este artista tão importante para o nosso país e para o meu próprio crescimento pessoal. Para esta ocasião, inspirei-me num quadro com o qual sinto grande afinidade e que sei fazer parte da Coleção da Caixa Geral de Depósitos.

Obra dedicada a Júlio Pomar e à Culturgest, por ocasião do seu vigésimo aniversário.

Andreia Pinto-Correia



Caracterizada por uma forte influência de tradições literárias ibéricas, a música de **Andreia Pinto-Correia** foi descrita como um “tecido auditivo” pelo *The New York Times* e como “misteriosa, elegante e mágica” pelo *New Music Box*. A presente temporada inclui encomendas da Fromm Music Foundation/Harvard University, para a Orquestra Gulbenkian e Berkeley Symphony Orchestra, solistas da Boston Symphony Orchestra, Universidade de Minnesota, Winsor Music e Culturgest. Andreia Pinto-Correia teve a sua estreia no Carnegie Hall, com uma encomenda da American Composers Orchestra, assim como uma estreia mundial pela Minnesota Symphony Orchestra, sob a direção do maestro Osmo Vänskä. Ainda em 2013 recebeu o Donald Martino Award for Excellence in Composition pelo seu doutoramento pelo New England Conservatory, em Boston. Nascida em Lisboa iniciou os seus estudos na Academia de Amadores de Música e na Escola Luis Villas-Boas. Atualmente encontra-se em residência na American Opera, em Nova Iorque.

**Katharine Rawdon** (flauta)

Ver página 9.

**Catherine Strynckx** (violoncelo)

Ver página 15.



---

# Away Uniform

Equipamento Alternativo  
de Tina Satter (Half Straddle)

---

Teatro · Duração: 1h

**Autoria e encenação** Tina Satter  
**Com** Jess Barbagallo, Emily Davis e Mark Jaynes **Banda sonora original** Chris Giarmino  
**Apoio** Foundation for Contemporary Art  
**Antestreia** Other Forces Festival, Incubator Arts Project, Nova Iorque, fevereiro de 2012

Depois de fazer um espetáculo com a minha companhia sobre uma equipa de futebol americano (*In the Pony Palace/FOOTBALL*, 2011), e de eu própria ter sido atleta durante anos, quis levar mais longe o meu interesse pelo desporto como camada dramaturgica na representação – e considerá-lo o modo como produz sentido de forma ainda mais abstrata.

De certa maneira, *Away Uniform* pode ser considerado um duplo sombrio da peça anterior sobre futebol. Embora essa peça usasse o futebol americano como desporto, introduzi-lhe na verdade as minhas memórias e sentimentos sobre ter jogado hóquei em campo de competição durante a adolescência e até aos 20 e tal anos. Para esta peça usei mesmo o hóquei em campo – e despojei-o da equipa e do contexto que envolve o futebol para me concentrar em duas atletas que imaginei terem largado tudo o que conheciam – mas ainda tinham os seus sticks de hóquei e uma noção de jogo, invenção e disciplina que estavam totalmente ligadas à modalidade.

Para preencher a ideia de família esquisita que me interessava explorar, acrescentei uma terceira pessoa. Uma figura masculina mais velha que cria uma tensão inerente na dinâmica das duas raparigas. Na paisagem poética que criamos neste espetáculo, ele existe quase como um treinador-fantasma para esta estranha vida nova que estão a construir, ou como um inquietante irmão mais velho ou um tio que tem as suas próprias

necessidades e desejos, ou mesmo outra coisa completamente diferente.

Depois situei tudo numa espécie de noção mítica das pradarias americanas. Que parecem simultaneamente vastas e solitárias. Cheias de céus abertos e possibilidade, mas também tempestades iminentes – e deixei que esta ideia bastante abstrata das pradarias confinasse e se abrisse às personagens e ao cenário.

No fim de contas, este mundo pequeno e poderoso que os três habitam, imbuído da camada textual desportiva e da criação de rituais opera como um laboratório palpitante para explorar o que constitui uma espécie de família e aquilo a que se recorre para acreditar em algo mais. Tina Satter

**Tina Satter** é uma artista de Brooklyn. Foi descrita como “estrela experimental emergente” pelo *New York Times* e chamada pela *Time Out* de Nova Iorque em 2011 uma “Inovadora a Ter em Conta no Off-Off Broadway”. A peça mais recente com a sua companhia Half Straddle, *Seagull (Thinking of you)*, estreou em janeiro de 2013 no festival COIL do espaço PS122 em Nova Iorque. A peça *In the Pony Palace/FOOTBALL* foi incluída no Top 10 de 2011 pela revista *PAPER*, entre outras e distinções, e *FAMILY* fez parte do Top 10 de 2009 da *Time Out* de Nova Iorque. *Seagull (Thinking of you)* e *In the Pony Palace/FOOTBALL* vão fazer digressão em França e na Croácia durante o ano que vem. Uma peça nova encomendada pelos New York City Players de Richard Maxwell, chamada *House of Dance*, estreia em Nova Iorque em outubro de 2013. Tina é a diretora artística da companhia Half Straddle, formada em 2008, que produz peças, *performances*, vídeos e música. Vai ser publicada uma coletânea dos seus textos em outubro de 2013 pela 53rd State Press. Tem nos próximos tempos encomendas dos teatros The Kitchen e Soho Rep, bem como uma residência artística no Wooster Group.

[www.halfstraddle.com](http://www.halfstraddle.com)

---

## Sentido em deriva

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

---

**Inauguração** 11 de outubro, 20h

**Exposição** 12 de outubro – 12 de janeiro 2013  
(entrada gratuita aos domingos e no sábado, dia 12 de outubro)

**Curador** Bruno Marchand

---

## Concerto de Aniversário

Orquestra Metropolitana de Lisboa,  
Coro Gulbenkian, Cesário Costa  
e Pedro Burmester

---

**Música** Sáb 12 de outubro · 18h

Grande Auditório · Dur. 1h30 com intervalo  
Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 2 horas antes do início do concerto, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas · M3

Orquestra Metropolitana de Lisboa  
Coro Gulbenkian

**Direção musical** Cesário Costa

**Piano** Pedro Burmester

Um dos momentos maiores das comemorações do nosso 20.º aniversário é este concerto. Em 11 de outubro de 1993 a Culturgest começou a sua atividade com a realização de um concerto e a abertura de duas exposições. Vinte anos depois replicamos essa fórmula. E se o concerto de ontem foi só para convidados, hoje,

com entrada livre, é dirigido a todo o público para quem a Culturgest trabalha desde sempre.

O programa deste concerto, que quisemos festivo e celebratório, misturando o barroco com o contemporâneo, divide-se em duas partes. Na primeira ouve-se a *Música para os fogos de artifício reais*, que Händel compôs em 1749, em Londres, para ser tocada, como foi, no Green Park, comemorando o fim da Guerra da Sucessão de Áustria. Doze mil pessoas assistiram ao seu ensaio geral. Segue-se o belíssimo Concerto n.º 1 para cravo de Johann Sebastian Bach, interpretado ao piano por Pedro Burmester, um amigo que se junta a nós nesta data especial. A segunda parte é exclusivamente preenchida com uma obra que encomendámos a António Pinho Vargas, compositor e músico com quem a Culturgest tem uma estreita ligação desde há muitos anos. Trata-se de um *Magnificat* para coro e orquestra, em que o Coro Gulbenkian, que generosamente quis participar, se junta à Orquestra Metropolitana, sob a direção de Cesário Costa, ele também um maestro que se tem apresentado com frequência no nosso palco maior. Um concerto que esperamos fique na vossa memória.

### Programa

#### 1ª Parte

Georg Friedrich Händel (1685-1759),  
*Music for the Royal Fireworks* (Música para os fogos de artifício reais), HMV 351

Johann Sebastian Bach (1685-1750),  
Concerto para cravo n.º 1, em Ré Menor,  
BWV 1052

#### 2.ª Parte

António Pinho Vargas (n.1951),  
*Magnificat*, para coro e orquestra  
(Estreia absoluta. Encomenda da Culturgest)

Purgatório:

ATELIER  
REAL



Le Sacre du Printemps (2013):

DVIR | CAD



#### Conselho de Administração

Presidente

**Álvaro do Nascimento**

Administradores

**Miguel Lobo Antunes**

**Margarida Ferraz**

Assessores

Dança

**Gil Mendo**

Teatro

**Francisco Frazão**

Arte Contemporânea

**Miguel Wandschneider**

Serviço Educativo

**Raquel dos Santos Arada**

**Pietra Fraga**

Direção de Produção

**Margarida Mota**

Produção e Secretariado

**Patrícia Blázquez**

**Mariana Cardoso de Lemos**

**Jorge Epifânio**

Exposições

Coordenação de Produção

**Mário Valente**

Produção

**António Sequeira Lopes**

**Paula Tavares dos Santos**

**Fernando Teixeira**

Culturgest Porto

**Susana Sameiro**

Comunicação

**Filipe Folhadela Moreira**

Publicações

**Marta Cardoso**

**Rosário Sousa Machado**

Atividades Comerciais

**Catarina Carmona**

**Patrícia Blázquez**

Serviços Administrativos e Financeiros

**Cristina Ribeiro**

**Paulo Silva**

**Teresa Figueiredo**

Direção Técnica

**Paulo Prata Ramos**

Direção de Cena e Luzes

**Horácio Fernandes**

Assistente de Direção Cenotécnica

**José Manuel Rodrigues**

Audiotvisuais

**Américo Firmino (coordenador)**

**Paulo Abrantes**

**Ricardo Guerreiro**

**Tiago Bernardo**

Iluminação de Cena

**Fernando Ricardo (chefe)**

**Álvaro Coelho**

Maquinaria de Cena

**Nuno Alves (chefe)**

**Artur Brandão**

Técnico Auxiliar

**Vasco Branco**

Frente de Casa

**Rute Sousa**

Bilheteira

**Manuela Fialho**

**Edgar Andrade**

**Clara Troni**

Receção

**Sofia Fernandes**

**Ana Luísa Jacinto**

Auxiliar Administrativo

**Nuno Cunha**

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

**Isabel Corte-Real**

**Inês Costa Dias**

**Graça Fonseca**

**Maria Manuel Conceição**

Estagiária

**Inês Hipólito**

Edifício Sede da CGD - Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03 - culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---